



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'O Anjo Negro', de Antonio Tabucchi]

Marcello Duarte Mathias

Para citar este documento / To cite this document:

Marcello Duarte Mathias, "[Recensão crítica a 'O Anjo Negro', de Antonio Tabucchi]", *Colóquio/Letras*, n.º 190, Set. 2015, p. 209-211.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

do nascimento, do crescimento de protagonistas, da sua condição de meninas, e da sua relação, em primeiro lugar, com a mãe e, por associação, a avó, o pai — pautada ocasionalmente pela personagem-fantasma do amante —, a segunda parte transporta a experiência particular, a história individual da protagonista coletiva para o universo da história, da literatura e da cultura.

A beleza linguística, a sugestão da imagem, a riqueza das expressões, a palavra poética e precisa, a explosão de sentidos, a evocação de sensações contrastam com os acontecimentos narrados frequentemente de modo fragmentado. Mas simultaneamente é esse domínio da linguagem que cria um equilíbrio delicado, permitindo aos leitores continuarem a ler avidamente. Com efeito, os momentos mais trágicos são envoltos numa poesia desconcertante, como é o caso da descrição do final de Estrela:

Começa a clarear o dia quando a sainha de balão que ela tem vestida a traz lentamente à superfície, enfunando-a como a vela de um barco meio-afundado, ao mesmo tempo que parece navegar em direcção ao sol que mal desponta, simples rubor escarlate no horizonte pálido. (299)

Em última instância, o universo disfórico vivido pelas meninas destes contos parece ser transfigurado através da escrita. As incompreendidas protagonistas de Maria Teresa Horta não são menos fascinantes por isso. Elas são o reflexo do poder da literatura e cabe-nos a nós, leitores, sofrer com elas, maravilhar-mos e perceber que, apesar das vicissitudes que as acompanham, elas tornam-se imortais através do derradeiro ato de criação: o da metamorfose da palavra em literatura.

Ana Raquel Fernandes

NOTAS

¹ *A Theory of Parody: The Teachings of Twentieth-Century Art Forms*, Urbana and Chicago, University of Illinois Press, 2000, p. 5-8; minha tradução.

² Veja-se a versão «Branca de Neve» coligida por Francisco Vaz da Silva em *Branca de Neve e Suas Irmãs*, Lisboa, Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2013, p. 70.

³ Cf. Maggie Dunn e Ann Morris, *The Composite Novel: The Short Story Cycle in Transition*, Nova Iorque, Twayne Publishers, 1995.

Antonio Tabucchi O ANJO NEGRO

Lisboa, Publicações Dom Quixote / 2014

Num livro em forma de longa entrevista, publicado na década de 1990, Tabucchi mostrar-se-á particularmente sensível ao mundo das periferias, incluindo neste o próprio sentido existencial de muitas das suas personagens. Emblemático desta visão do mundo é *O Anjo Negro*, que reúne seis contos de inspiração marcadamente diversa, embora entrelaçados por linhas de força comuns. A este propósito, Tabucchi dirá pela mesma ocasião: «Não há dúvida que certas fases da minha vida foram enquadradas pela literatura. No fundo, creio que ao escrever, mais não faço do que uma espécie de autoanálise. Deste ponto de vista, os meus livros seriam outras tantas etapas de uma reflexão sobre mim mesmo que, naturalmente, se oculta evocando outras coisas. *O Anjo Negro*, por exemplo, é um livro que assinala perfeitamente um período obscuro que atravessei e que provavelmente se reflecte sobre o próprio livro, obscurecendo-o.»¹ Se de certo cada testemunho de um escritor é parte integrante do seu caminhar, tal se me afigura particularmente discernível em Tabucchi, onde as obras se sucedem e se articulam, espelhando entre si um idêntico feixe de afinidades e interrogações.

De sublinhar, no entanto, que *O Anjo Negro* não serve de título a nenhum dos

contos aqui reunidos, representa antes, nas palavras do próprio autor, «uma presença maléfica que liga todas as histórias, à maneira de um fio condutor». E Tabucchi sublinha este aspecto: «o livro tem como tema básico o mal nas suas diversas manifestações. Há o mal existencial, o mal metafísico, outro é o social, outro ainda é o político»². Realidade presente em muitas destas páginas, bem como nas almas que as habitam.

Sem possuir o fôlego narrativo de *Afirma Pereira* ou a singular magia de *Nocturno Indiano*, *O Anjo Negro* é uma pausa entre dois tempos. Um olhar que se demora e assim se recria — apetece-me quase dizer: é Tabucchi ao encontro de Tabucchi e dos seus temas dominantes, a par do renovado apuro da sua escrita, essa espécie de atenção comovida ao mundo que o rodeia. Saber escrever é afinal tudo reconduzir ao essencial.

A meu ver, as páginas mais conseguidas — onde reencontro o melhor Tabucchi — são as últimas folhas do «Tão-balalão», retrato de duas solidões que se aproximam sem contudo lograrem conhecer-se, como se, à partida, algo de irremediável as condenasse ao desentendimento e à separação. O mesmo se dirá nas suas linhas gerais de «Noite, Mar ou Distância», cuja acção se desenrola em Lisboa em finais do ano de 1969. Radiografia de um tempo político português a que não falta, de uma forma um tanto inesperada, uma dimensão grotesca que lembra um quadro expressionista, com laivos caricaturais à Georg Grosz. Logo ali, ao virar da esquina: «E foi nessa altura que apareceu o cherne. Era um cherne gordo, luzidio, oleoso, que saltava de profundezas tão escuras como a escuridão do automóvel que ameaçava as vítimas daquela noite: da janela do carro, junto com uma mão inchada de dedos grossos apareceu a cabeça de um cherne que boquejava. Que estranho, uma mão e uma cabeça de

cherne à janela de um automóvel na Rua D. Pedro V numa noite de outubro de mil novecentos e sessenta e nove.» De súbito, o cherne e as suas vítimas! Esta transposição imagística que nasce de uma sobreposição de dimensões traduz de igual modo o gosto pelo insólito, presente noutros passos desta obra. E também aqui, como em tantas das suas ficções, se nota uma grande convivência entre o autor Tabucchi e as suas criaturas. Todas, a seu modo, lhe pertencem, sobretudo as mais vulneráveis.

Outro exemplo que nos poderia convocar é o diálogo entre «o senhor vestido de azul» e o seu interlocutor «o homem de cabelos grisalhos», velho revolucionário político no conto «O bater de asas de uma borboleta em Nova Iorque pode provocar um tufão em Pequim?» que, detido e preso, aceita relatar um certo número de episódios em que tomou parte relacionados com as actividades clandestinas de outrora. Diálogo cruzado por perguntas e respostas, incisivas e breves umas e outras, delas porém emergindo, pouco a pouco, à maneira de um desenho que se esboça à nossa frente, o perfil de um homem e os fundamentos do seu carácter.

Paralelamente, ler é um sempre renovar de convergências. Referindo-se ao papel essencial do leitor na descoberta da obra, Tabucchi recorda: «Um livro é isso, um desejo de cumplicidade, uma petição de ajuda (ao leitor), por parte de quem escreve.» Acrescentando ainda esta nota que se me afigura expressiva da sua inclinação de espírito: «Um escritor que sabe tudo, que conhece tudo, não deveria escrever nenhum livro.»³ Daí que as suas personagens sejam destinos em aberto, gente deserdada, caminhos irrealizados, de que este *Anjo Negro* é eloquente testemunho — «a infelicidade é uma forma de medo» (21), dirá ele. Nesta perspectiva, importa reter que Tabucchi privilegia o imponderável mais do que o imprevisível; o inacabado mais

do que o incompleto; a perda mais do que o desperdício. Vidas não-biografáveis feitas de parcelas que subsistem, aqui e ali, sob o signo de ameaças indefinidas — «é preciso dar uma ordem às coisas, mas terão as coisas uma ordem?» (19). Itinerários da ambiguidade à espera de uma conclusão, que constituem também a sua pessoalíssima marca em muito do que nos deixou. Até certo ponto, a saudade antecipada de uma impossível harmonia.

Entre parêntesis, haveria um paralelo a estabelecer em termos de sensibilidade afectiva e até mesmo de imaginário na obsessiva repetição de certos temas entre Patrick Modiano, o mais recente prémio Nobel de Literatura, e muitas das páginas de Antonio Tabucchi, entre as quais algumas deste *Anjo Negro*, cujos ecos nos são familiares, a nós, seus leitores. Um certo desacerto é comum a ambos, a par de uma idêntica noção da fragilidade humana. Sim, deambular por entre acasos e equívocos sem rumo certo, já que a verdade é um território dividido que, a cada passo, se abre ao desconhecido, recriando uma nova realidade. E escrever mais não é do que exumar a vida dos interstícios da vida, para que nem tudo se perca.

Ao fim e ao resto, e para lá da qualidade da escrita, o que define um escritor não será a tonalidade que lhe é própria? «Pas la Couleur, rien que la nuance», dizia Verlaine. O autor dos *Pequenos Equívocos sem Importância* sabe-o bem. Estar é saber olhar, incluindo nele alguma candura, sinal de autenticidade. À semelhança de uma fronteira sem cancela, pois tudo é sempre parte do mesmo todo, Tabucchi conhece as feridas que não têm cura, as vulnerabilidades que nos deixam desamparados, o mundo morto que em nós a tudo sobrevive. E nos orienta e conduz à maneira de uma sombra que nunca se ausenta.

Marcello Duarte Mathias

NOTAS

[O Autor segue a antiga ortografia.]

¹ Carlos Gumpert, *Conversaciones con Antonio Tabucchi*, Barcelona, Anagrama, 1995; minha tradução.

² *Ibid.*

³ A título de curiosidade, Paul Auster dirá noutro contexto algo de semelhante: «Aquele que possui ideias muito determinadas, rígidas, certezas, não pode ser um artista. Criar arte é explorar domínios que não compreendemos e nos escapam.» Cf. Paul Auster e Gérard de Cortanze, *La Solitude du labyrinthe: Essai et entretiens*, Actes Sud, 1997, p. 136.

João de Melo

LUGAR CAÍDO NO CREPÚSCULO

Lisboa, Publicações Dom Quixote / 2014

Lugar Caído no Crepúsculo revela a maestria com que João de Melo navega nos mares do género romanesco, nele lançando uma «teoria do homem»¹ enquanto ser dividido entre um corpo perecível e uma alma destinada a um «Além desconhecido» (22). O fino humor e o pontilhado coloquialismo aliviam o timbre grave posto na figuração polifónica de um Além católico no qual o autor descrê e que desconstrói. A descrença advém desde logo do «sufoco espiritual»² imposto num seminário, apesar de João de Melo sentir a perda da fé como «uma sombra que promete afligir e assustar a nossa alma até ao fim do tempo que nos foi dado a viver»³, «uma espécie de orfandade»⁴, agudizada pelo falecimento da mãe, facto que está na génese do romance. O escritor revela que a sua progenitora, a quem dedica a obra, lhe colocou inopinadamente no leito de morte «as mesmas dúvidas que viu crescer dentro de si. ‘Como é que será depois de fecharmos os olhos?’ [...] ‘Será que Deus está lá à minha espera?’»⁵ Na novela *A Divina Miséria* (2009), que o romance aprofunda em termos teológico-filosóficos, confessa o narrador ao narratário, ambos porta-vozes do autor: «Apesar